

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ALINE DIAS DESTRO

**A INCLUSÃO SOCIAL DE ADOLESCENTES ATRAVÉS DO ESPORTE: O CASO
DE UM PROGRAMA PÚBLICO DE ESPORTE NA CIDADE DE CURITIBA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2019

ALINE DIAS DESTRO

**A INCLUSÃO SOCIAL DE ADOLESCENTES ATRAVÉS DO ESPORTE: O CASO
DE UM PROGRAMA PÚBLICO DE ESPORTE NA CIDADE DE CURITIBA**

Trabalho de Conclusão de Curso, do
Curso de Bacharelado em Educação
Física do Departamento Acadêmico de
Educação Física - DAEFI da Universidade
Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof^a Dra Ana Paula Cabral
Bonin Maoski.

CURITIBA

2019



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do
Paraná
Câmpus Curitiba
Diretoria de Graduação e Educação
Profissional
Departamento de Educação Física
Bacharelado em Educação Física



TERMO DE APROVAÇÃO

A INCLUSÃO SOCIAL DE ADOLESCENTES ATRAVÉS DO ESPORTE: O CASO DE UM PROGRAMA PÚBLICO DE ESPORTE NA CIDADE DE CURITIBA

Por

Aline Dias Destro

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi apresentado em 14 de novembro de 2019 como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em Educação Física. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **aprovado**.

Profa. Dra. Ana Paula Bonin Maoski
Orientador

Prof. Dr. Gilmar Francisco Afonso
Membro titular

Prof. MSc. Carla Tagliari
Membro titular

* O Termo de Aprovação assinado encontra-se na coordenação do curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ser tudo e ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

À minha orientadora Ana Paula Cabral Bonin Maoski, por dar esperança em momentos de aflição e ser luz na vida de seus alunos, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Ao meu pai João, pelo amor, incentivo e apoio.

Agradeço a minha mãe Rosely, heroína que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço.

Meus agradecimentos aos amigos, companheiros de trabalhos e irmãos na amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

DESTRO, Aline D. **A inclusão social de adolescentes através do esporte: o caso de um programa público de esporte na cidade de Curitiba.** 40 f. Monografia de Graduação (Bacharelado em Educação Física) – Departamento Acadêmico de Educação Física. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

A desigualdade social é uma realidade dos dias atuais, e com essa situação ocorrem diversas consequências, uma delas é a exclusão social. Esse termo está relacionado à falta de oportunidades muitas vezes por conta da condição financeira das pessoas. O esporte geralmente cumpre o papel de incluir as pessoas na sociedade, tirando os jovens da rua por estarem ociosos, e trazendo para uma realidade de participação e educação estimulando muitas vezes a continuidade da prática e início de uma carreira esportiva. Nesse cenário, temos as políticas públicas que são desenvolvidas por meio dos diferentes entes federativos e que buscam promover o esporte, em suas diferentes dimensões, ofertando programas para a prática esportiva. Sob essa perspectiva é que esse trabalho almeja verificar de que maneira o programa EE10 auxilia na inclusão social de adolescentes em situação de vulnerabilidade social na cidade de Curitiba/PR. Esse trabalho se caracteriza como qualitativo de caráter exploratório e delineamento transversal. Foi aplicado um questionário com nove questões abertas para quatro professores que trabalham no EE10 em bairros da região periférica da cidade. A análise de dados ocorreu por meio da técnica de análise de conteúdo com base na transcrição das entrevistas. Foi possível verificar que o projeto EE10 auxilia na inclusão social das crianças e jovens que participam do projeto, tirando estes da rua e oportunizando a vivências diferentes da realidade deles, dentro do esporte. Foi verificado também a importância do projeto, na visão dos professores, para a população das redondezas dos centros contribuindo para a relação da comunidade com o esporte de maneira geral.

Palavras – chave: inclusão social; esporte; políticas públicas.

ABSTRACT

DESTRO, Aline D. **The social inclusion of teenagers through sports: the case of a public program sports in the city of Curitiba.** 40 f. Undergraduate Monograph (Bachelor Course in Physical Education) – Academic Departamento Physical Education. Federal Technological University of Paraná. (UTFPR). Curitiba, 2019.

The social inequality is a reality from current days, this situation results in a lot of consequences, one of them is a social exclusion. This term is related to the loss of opportunity because of the financial situation of people. The sports usually include the people in society, taking the youngs away from the streets for being idle, bringing them to a new perspective of participation and education and many times stimulating them to continue with the sports practice and maybe even start a sports career. In this case, we have the public policy which is developed by the different federative entities that have the purpose to promote the sport, in all your dimensions, offering programs for the sports practice. Under this perspective, this work verified which way the program EE10 assist the social inclusion of youngs in vulnerability situation at the city of Curitiba/PR. This work has a qualitative and exploratory character and cross-sectional design. It was applied one questionnaire with nine open questions to four teachers who work at EE10 program in peripheral neighborhoods of the city. The data analysis occurred by the content analysis with transcriptions of interviews technique. It was possible to verify that EE10 program helps in the social inclusion of children and young that participate in the program, taking them away from the streets and allow them to live a different reality from the one that they live, inside the sport. Also was verified the value of the program, in the teacher's vision, to the population around the community centers and how the program collaborates with the relation between the sports and the community.

Keywords: social inclusion; sport; public policies.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 JUSTIFICATIVA	8
1.2 PROBLEMA e HIPÓTESE	10
1.3 OBJETIVO GERAL	10
1.3.1 Objetivo(s) Específico(s)	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 INCLUSÃO SOCIAL	11
2.2 POLITICAS PÚBLICAS.....	12
2.3 O ESPORTE COMO MEIO DE INCLUSÃO SOCIAL.....	13
2.4 ESCOLA + ESPORTE = 10.....	15
3 METODOLOGIA DE PESQUISA	17
3.1 TIPO DE ESTUDO	17
3.2 POPULAÇÃO / AMOSTRA / PARTICIPANTES	17
3.2.1 Critérios de Inclusão	17
3.2.2 Critérios de Exclusão	17
3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS	17
3.3.1 Instrumentos	17
3.3.2 Procedimentos	18
3.4 RISCOS E BENEFÍCIOS	18
3.5 ANÁLISE DOS DADOS	18
4 RESULTADOS	19
4.1 Apresentação dos participantes	19
4.2 O projeto EE10	20
4.3 Importância do Projeto na sociedade.....	25
4.4 Relação entre o projeto e a vulnerabilidade social	28
4.5 Influência do esporte na vida da criança ou jovem.....	30
5 DISCUSSÃO	32
6 CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICE	40

1 INTRODUÇÃO

As desigualdades sociais levaram ao surgimento do conceito de vulnerabilidade social e de projetos na área da educação física, do esporte e do lazer (CORREIA, MARCOS, 2008). Na intenção de diminuir o número de adolescentes das ruas, as políticas públicas tendem a criar projetos visando evitar o excesso tempo ocioso dessa faixa etária, mas não limitando-se apenas a este aspecto, mas também a fim de promover hábitos de vida saudáveis, melhora no desenvolvimento das habilidades motoras e sociais.

Nesse sentido, torna-se importante refletir acerca da relação entre esporte, políticas públicas e inclusão social, principalmente ao longo da prática profissional na área esportiva em projetos sociais. É amplamente sabido que o esporte é um meio importante de socialização, por conseguir atingir valores como coletivismo, amizade e solidariedade; valores esses de extrema relevância para vencer as agruras da pobreza, com esse pensamento que surgiu a ideia do presente trabalho (VIANNA; LOVISOLO, 2007).

A cidade de Curitiba possui vários projetos, dentre eles o EE10, que proporciona aulas de diferentes modalidades esportivas para várias idades, com diversas opções de horários, gratuitamente, aspectos que demonstram a ampla capacidade de atendimento do programa às comunidades. O intuito deste estudo é analisar se essas interações dentro do projeto e nas aulas auxiliam na inclusão esses jovens no esporte e bem como minimizam seu tempo na rua.

1.1 JUSTIFICATIVA

O projeto EE10 ocorre em diversos locais na cidade de Curitiba, em inúmeras praças e escolas. Dentro disso em alguns bairros mais marginalizados, como por exemplo, no alto boqueirão, que possui muitos jovens pobres nas ruas que facilmente convivem com uso de drogas e tráfico. Mostra-se importante buscar verificar se realmente é possível incluir esses jovens no esporte tirando o foco deles das ruas e colocando na atividade física por meio do esporte direcionado por professores de educação física.

O interesse pessoal na realização deste trabalho vem do meu histórico familiar em relação ao tema tendo em vista que minha mãe é formada como Assistente Social e trabalhou por um período em um CRAS na cidade de Almirante Tamandaré, vivenciando todos os dias, diversas situações de exclusão social nas pessoas daquela região, principalmente em jovens, muitas vezes da minha idade que não tiveram acesso ao esporte e acabaram tendendo à marginalidade.

Atualmente ela trabalha em uma escola no município de Piraquara, e todos os dias eu ouço situações de crianças na rua envolvidas com uso ou venda de drogas por estarem sem vínculo com outras atividades fora da escola em contraturno. Isso despertou meu interesse em saber se nossa profissão pode ajudar esses adolescentes nessas situações e na questão de inclusão destes indivíduos.

No que se refere à justificativa acadêmica, foi realizada uma pesquisa nas bases de dados: Scielo, CAPES e Lilacs com as seguintes palavras chave: inclusão social no esporte, inclusão social e esporte, políticas públicas no esporte e políticas públicas e esporte. Foram encontrados 151 artigos no Scielo sendo que 7 deles tinham relação com o tema proposto nesse projeto (VIANNA, LUVISOLO 2011; AZEVEDO, FILHO, 2011; TAVARES, SCHWARTZ, 2014; ALVES, PIERANTI, 2007; SANCHES, RUBIO, 2011; AREIAS, BORGES, 2011; NOGUEIRA, 2011). No portal CAPES, foram encontrados 700 artigos com base na pesquisa acima, e 5 deles com relação à pesquisa (BARRETO, PERFEITO, 2018; TAFFAREL, 2012; GRANDO, MADRID, 2017; SCHWARTZ, TAVARES, RIBEIRO, RODRIGUES, PROVENZANO, CHAO, 2014), e no Lilacs foram encontrados 200 artigos e somente 2 deles tem efetiva relação com o tema (RODRIGUES; DARID; PAES, 2013; VIANNA, LOVISOLO, 2009).

Com esses dados podemos verificar a relevância científica na tentativa de atribuir novos dados aos escassos artigos publicados na delimitação destacada. Já sua relevância social se estrutura na busca por auxiliar e estimular a melhoria das políticas de intervenção que fortaleçam e resgatem os valores sociais através do esporte, tanto no ensino quanto na sua prática, diminuindo a lacuna do conhecimento a respeito deste assunto e auxiliando na construção e solidificação de uma cultura esportiva positiva como opção a uma situação conflituosa imposta pelo meio social degradado e violento.

1.2 PROBLEMA e HIPÓTESE

De que maneira o programa esportivo “EE10” auxilia na inclusão social de adolescentes em situação de vulnerabilidade social na cidade de Curitiba/PR?

1.3 OBJETIVO GERAL

Verificar de que maneira o projeto “EE10” auxilia na inclusão social de adolescentes em situação de vulnerabilidade social na cidade de Curitiba/PR.

1.3.1 Objetivo(s) Específico(s)

- 1) Identificar os aspectos positivos e negativos do programa “EE10” a partir da perspectiva dos professores;
- 2) Verificar a relação existente entre inclusão social e esporte;
- 3) Identificar a importância do projeto para a sociedade, em especial, para os participantes.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 INCLUSÃO SOCIAL

Para iniciarmos a discussão em relação à inclusão social, se faz necessário abordar sobre a desigualdade social, exclusão e inclusão, e as políticas públicas de inclusão. Uma das características que podemos salientar sobre o Brasil refere-se ao reconhecimento da desigualdade social como um aspecto impregnado às estruturas de nossa sociedade com isso, temos consequência da má distribuição de renda entre as diferentes camadas da população.

Considerando a existência de uma sociedade desigual, conseqüentemente nos deparamos com a exclusão de certa parte desta sociedade. Taffarel (2012) demonstra que o ser incluído ou excluído na sociedade, em uma sociedade organizada em classes sociais, requer sabermos a que classe social estamos nos referindo. Estamos nos referindo aos obstáculos criados pelos detentores dos meios de produção, que impedem aos que vendem sua força de trabalho para poderem sobreviver, o acesso pleno aos bens que são socialmente produzidos. Estamos falando dos 20% da sociedade que detém mais de 70% dos bens, ou dos demais 80% que detém menos de 30% dos bens e dependem, para sobreviver, da ação do Estado na implementação de políticas públicas que garantam a repartição das riquezas geradas pelo trabalho da classe trabalhadora. Fazendo com que essa mesma classe não tenha, o mesmo, em condições ter acesso, ou não, na escola, na universidade nas atividades culturais esportivas, sejam quais forem elas. É da onde mostramos a desigualdade social, pois sabermos de que ordem são os obstáculos criados para impedir o acesso, a inclusão.

A desigualdade social, portanto, toma conta indiscriminadamente de diversas parcelas da população, sendo os grupos situados entre 15 e 29 anos são particularmente atingidos por processos de exclusão. Emprego precoce e subemprego, escolarização precária, moradia em bairros decadentes, etc. A desigualdade social tem provocado uma concepção do jovem como um problema social, propenso à delinquência e ao uso de drogas, devendo, portanto, tomar parte do espaço dos projetos sociais capazes de promover uma 'correta' socialização, (NOGUEIRA, 2011) e inclusão dentro dos parâmetros sociais.

2.2 POLITICAS PÚBLICAS

De acordo com Asseburg e Gaiger (2007) para compreender sobre o combate à desigualdade são necessárias ações efetivas para diminuir a perpetuação da exclusão social. Considerando que as pessoas são constantemente minimizadas, é necessário oferecer oportunidades de reconstrução da experiência pessoal, com práticas positivas de participação que enfatizem a construção de espaços para a recuperação da dignidade, num posicionamento contrário à privação de capacidades e focadas em ações participativas de cooperação.

A construção da igualdade é condicionada pela formação de uma massa submissa, tanto política como economicamente, assim essa porcentagem da população se torna o foco das políticas públicas com redução dos conflitos sociais (BEHRING; BOSCHETTI, 2008).

O esporte como política pública é reconhecido como direito, a partir da Constituição da República Federativa do Brasil, nos Artigos 14 e 217, respectivamente, sendo apresentado da seguinte maneira.

Compete à União, aos Estados e ao Distrito Federal legislar concorrentemente sobre: educação, cultura, ensino e desporto; É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um, sendo observados, a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para a do desporto de alto rendimento (BRASIL, 1988).

Assim como na constituição federal o esporte é considerado como política pública, o esporte está também como obrigação do governo descrito pelo Estatuto da Criança e Adolescente – ECA também destaca em seu Art. 4º que:

“É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária”.

O esporte é tido como um antídoto para a ocupação do tempo livre, numa concepção que indica, conforme afirma Melo (2005), uma suposta linearidade entre a falta de lazer e o mundo do crime. Aumentando assim os projetos de políticas públicas nesse âmbito. No entanto, boa parte das políticas de inclusão focadas no

esporte leva em conta apenas um aspecto desses processos difusos: a falta de oportunidades ampliadas de lazer e diversão (THOMASSIM, 2007). Borges (2009) destaca que por volta de 1980 teve início timidamente à promoção de políticas de iniciação esportiva para crianças e jovens em vulnerabilidade social, assim o esporte começava aos poucos a fazer parte dos direitos populares e a receber financiamento por meio de políticas públicas.

As discussões sobre o papel do esporte em políticas públicas para a juventude invocam uma concepção de cultura e participação como aspectos indispensáveis para enfrentar o problema da desigualdade social. Nesse sentido, não é mais possível perceber o jovem como receptor de políticas públicas, mas como agente capaz de mobilização e intervenção social (NOGUEIRA, 2011). Assim nota-se a emergência da vinculação entre as políticas esportivas e o discurso da promoção da cidadania ou de inclusão social. (MELO, 2005).

2.3 O ESPORTE COMO MEIO DE INCLUSÃO SOCIAL.

Atualmente, o esporte se tornou uma das principais ferramentas de intervenção em políticas públicas para a juventude, pois o interesse e o alcance dos jovens ao esporte é mais recorrente. Assim o esporte vai ganhando força nas políticas públicas, parcerias público-privadas e organizações não governamentais, como um trabalho que busca retirar as crianças da rua, combater a criminalidade e a violência (MELO, 2005).

O entendimento do esporte como fenômeno social do mundo moderno dá-se como um fato social construído, que existe fora das consciências individuais, se torna imperativo à vida da sociedade e influencia costumes e hábitos (HELAL, 1990). De acordo com o mesmo autor, assim como Melo (2005), o esporte é uma prática social institucionalizada, e, além de uma arte, uma oportunidade de dedicação ocupacional e profissional, e é de considerar o esporte como um importante mecanismo de controle social da juventude. Assim, não deve ser pensado apenas como meio para o alcance de outros fins socialmente valorosos (como o alcance de objetivos sociais, o aprendizado de valores morais, como amizade, solidariedade e competição honesta e justa, favorecendo, assim, o convívio civilizado e sem violência) visando apenas dominar os impulsos violentos e produzir uma nova sociabilidade, mas que seja também capaz de gerar novas práticas que possam

estimulem os jovens a se afastar de drogas e crimes, numa abordagem salvacionista.

Quando tratamos do esporte como ferramenta de inclusão social, não é a questão de uma busca incessante pelo rendimento, mas sim da possibilidade da prática esportiva educativa se tornar um vetor político e cultural de experiências positivas focadas na participação, no reconhecimento de potencialidades, no desenvolvimento de capacidades, na afirmação das diferenças e no fortalecimento de identidades (NOGUEIRA, 2011).

Sanches e Rúbio (2011) dizem que, seguramente, para os jovens que puderem conhecer o lado fascinante e apaixonante da prática, o esporte pode ser considerado, nos dias atuais, como um dos fenômenos sociais de maior impacto em todo o mundo, fazendo com que indivíduos e nações compitam uns contra os outros, ao mesmo tempo em que une pessoas de uma forma como poucas outras atividades conseguem realizar.

Tubino (1996) bem como Weinberg e Gould (2001) destacam também os fatores psicológicos que podem auxiliar na inserção e na permanência de indivíduos dentro do contexto esportivo: dar um tempo ou esquecer problemas cotidianos, sensação aumentada de controle, sentimento de competência e de auto eficácia, interações sociais positivas e melhora no autoconceito e na autoestima. E sendo utilizada, algumas vezes, como forma de relaxamento do estresse cotidiano, e, em outras, como ocupação do tempo ocioso, além da busca de um espaço de socialização e manutenção da saúde e da boa aparência física, ajuda a prevenir doenças, a evitar a evasão escolar, o uso de drogas e a criminalidade e a aumentar a autoestima, a cooperação, a solidariedade e a inclusão social.

Não somente são encontrados os fatores psicológicos e sociais, mas também são encontrados valores educativos do esporte, que podem ser vistos desde nos primeiros anos de vida do indivíduo como diz (TUBINO, 1996), favorecendo seu desenvolvimento motor e psicomotor, passando pelo processo de socialização própria do esporte e da atividade física na idade escolar, seguindo com os benefícios ofertados ao praticante jovem e na meia-idade.

Na perspectiva de Elias e Dunning (1992), o esporte é uma forma de substituir a violência por uma competição controlada, em que o respeito à vida é um elemento fundamental. Essa busca pelo esporte por membros das classes populares se torna um meio de elevação social, especialmente por aqueles que são residentes em

comunidades violentas, pode representar uma forma de auto realização e de superação da condição de não ter direitos de cidadania plena.

Porém somente o esporte não é capaz de resolver o problema da desigualdade social, mas é se não o utilizarmos em função da melhoria da qualidade de vida das pessoas e para a transformação dos modos de produção e reprodução da vida social, perderemos a oportunidade histórica de construir uma sociedade justa e igualitária (NOGUEIRA, 2011).

2.4 ESCOLA + ESPORTE = 10 “EE10”

O Projeto Escola + Esporte = 10 “EE10” se trata de um programa de política pública que é realizado na cidade de Curitiba, parceria realizada entre as secretarias da Educação (SME) e do Esporte, Lazer e Juventude (SMELJ), propicia Escolas de Esportes na cidade de Curitiba e tem por objetivo ofertar atividades sistemáticas para crianças e jovens na faixa etária de 06 a 17 anos no contra turno escolar, fortalecendo valores que venham a contribuir para o desenvolvimento sócio educacional dos participantes por meio do esporte.

O projeto EE10, sendo então uma ação pública visa atender a demanda de pessoas com direitos sociais, também busca desenvolver e fomentar o esporte enquanto ferramenta de inclusão e promoção social, pela utilização do esporte no contra turno escolar como complemento pedagógico, utilizado na formação cognitiva-física-motora, que pode apresentar resultados significativos na melhoria do processo ensino aprendizagem, e por meio do esporte de desempenho com o objetivo de profissionalização dos praticantes.

Para a participação da criança no projeto, é necessário que ela esteja matriculada na escola, porém não é feito nenhum tipo de comprovação de renda. Dentre diversos objetivos específicos citados no projeto, um deles diz: “Ampliar o acervo motor da criança e do adolescente através da prática esportiva, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia e para seu crescimento integral.” Assim demonstrando que a preocupação com os jovens que participam do projeto vai além do social.

Nessa perspectiva educacional, a Prefeitura Municipal de Curitiba, por meio do EE10 fortalece o cenário esportivo educacional como ferramenta na melhoria do

processo ensino aprendizagem de nossos estudantes, na ampliação cada vez mais crescente da oferta da educação integral, a parceria entre a SME e a SMELJ, promove uma repaginação das práticas ofertadas, ressignificando os locais utilizados e o melhor acompanhamento dos estudantes atendidos, ampliando o *hall* de modalidades esportivas, de lazer e cultura, e principalmente aumentando exponencialmente o número das atividades e de alunos contemplado.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

3.1 TIPO DE ESTUDO

Essa pesquisa caracteriza-se como qualitativa de caráter exploratório, que visa proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito ou construindo hipóteses sobre ele, bem como descritivo, que tem como objetivo expor as características de uma determinada população ou fenômeno, demandando técnicas padronizadas de coleta de dados (PRODANOV; FREITAS, 2013) com delineamento transversal.

3.2 PARTICIPANTES

A amostra foi composta por 4 professores que lecionam no projeto EE10 de diferentes bairros de Curitiba.

3.2.1 Critérios de Inclusão

Lecionar no projeto EE10 atualmente.

3.2.2 Critérios de Exclusão

Lecionar no projeto a menos de 3 meses;

3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

3.3.1 Instrumentos

O instrumento de coleta de dados foi realizada através de um questionário com nove perguntas abertas, elaboradas com o propósito de verificar a relação existente entre vulnerabilidade social e projetos esportivos.

3.3.2 Procedimentos

A aplicação dos questionários concretizou-se presencialmente, no próprio local das aulas. Os professores foram selecionados a partir dos bairros de periferia onde existe o projeto. Eles foram convidados a participar da entrevista através de contato via telefone, e foi combinado com eles o melhor dia e horário para essa intervenção. A entrevista foi gravada por meio de áudio e teve aproximadamente uma duração média de 20 minutos.

3.4 RISCOS E BENEFÍCIOS

Os participantes da pesquisa não sofreram nenhum tipo de risco físico. Com a resposta no questionário contribuíram para uma análise do papel do esporte como inclusão social de jovens da região periférica da cidade de Curitiba, trazendo uma reflexão em relação a contribuição do esporte na vida de jovens em todo país.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi realizada pela transcrição das entrevistas dos participantes, seguida da interpretação das respostas, fazendo então uma análise de todo conteúdo adquirido com o questionário.

4 RESULTADOS

4.1 Apresentação dos Participantes

Foram entrevistados 4 indivíduos para a presente pesquisa, sendo 2 professoras (A e B) e 2 professores (professores C e D). As entrevistas tiveram duração variada sendo que a menor durou 7 minutos e a maior 18 minutos, conforme quadro abaixo.

QUADRO 1: Duração das entrevistas

Entrevistado	Duração
A	00:18:00 minutos
B	00:9:00 minutos
C	00:7:00 minutos
D	00:15:00 minutos

Fonte: A autora (2019)

O roteiro de entrevistas foi elaborado de maneira a envolver questões sobre o projeto EE10, os alunos e vulnerabilidade social. No que se refere à idade dos alunos que são atendidos no projeto, verificamos que essa é de 7 a 17 anos, porém alguns professores mencionaram que em algumas ocasiões acabam atendendo alunos com um ou dois anos a mais ou a menos. Como disse o professor C: “6 a 17 anos, de 5 na verdade, no ano que faz 6 até 17 anos. Alguns de 18 também”.

Como já foi mencionada, a intenção do trabalho está direcionada ao esporte de maneira geral, sem selecionar uma modalidade específica, e o EE10 contém diversas modalidades em cada uma de suas regionais. A entrevistada “B” por exemplo, só trabalha com aulas de natação, porém o centro que ela está atende outros esportes, como os esportes de quadra. A entrevistada “A” mencionou diversas aulas que acontecem no Alto Boqueirão como voleibol, futsal, natação, judô, balé e dança. Além disso, comentou que mais uma modalidade foi inserida no centro da juventude em que ela trabalha: triatlo. Revelou que essa modalidade acontece em parceria com outro projeto de forma semelhante ao “Maestro da Bola”.

A partir das entrevistas foi possível verificar que o projeto acontece de maneira particular em cada regional, haja vista que um dos entrevistados revelou

que na sua regional ele trabalha apenas com voleibol e futsal e em outra regional o professor comentou que oferece as modalidades: Futsal, voleibol, basquete, dança criativa, jazz infantil-juvenil, dança criativa infantil-juvenil e também, capoeira.

4.2 O projeto EE10

Sabemos que todo projeto possui pontos negativos e positivos, os professores conseguiram expressar seus contentamentos e descontentamentos com o projeto de maneira bem clara e particular. A professora “A” mencionou seus pontos positivos, não exatamente sobre a forma que o projeto acontece, mas sim com uma visão do objetivo do projeto. Em sua fala, ela demonstra a forma que o EE10 afeta a vida dessas crianças não somente em quadra:

“Eu acho que o ponto positivo está na formação dessas crianças para vida; é um local que possibilita novos horizontes, eles saem daqui eles vão participar em campeonato, eles vão pra outro espaço, tem vezes que em outra cidade próxima, conhecer outros colégios, muitos deles nunca tiveram contato com colégio particular e de repente conhece uma estrutura de colégio particular que é bem oposta ao que eles estão acostumados, então eles começam a ter uma perspectiva diferente de vida, eles começam a perceber que a vida deles não é só essa comunidade, ela pode ser muito maior que isso. Então eu acho que isso possibilita a eles engajarem em um futuro melhor, e acho que esse é o lado mais positivo”.

A professora “B” mencionou somente um ponto positivo, porém muito relevante que é a questão de inserção social das crianças e jovens, pois eles têm um espaço gratuito no próprio bairro para praticarem esportes, “o nome desse local é clube da gente, então eles estão dentro de um lugar construído pra eles estarem frequentando, é diferente. Eles são parte desse local.” O professor “C” confirmou que o ponto positivo do projeto é realmente o lado social e a gratuidade do projeto nas suas aulas e competições, mencionou que até em algumas vezes ganham algum tipo de material como camiseta ou lanche sem custo também. O professor “D” também trouxe a questão social como ponto positivo do projeto, e o quanto isso atinge a vida de quem participa, pois consegue dizer: “tirar a criança da rua...” faz com que ela pratique um esporte, que vai ser interessante pra vida dela, tanto pra saúde física quanto para a saúde mental, complementa: “é... ter no esporte um refúgio

assim pros problemas que elas tem às vezes dentro de casa, de ela (a criança) vir pra cá e fazer algo bacana assim, saudável pra ela”.

Dentro dos pontos negativos, os professores B, C e D relataram a falta de profissionais, conforme menciona a professora “B”: “é que atendemos muitos, mas poderíamos atender mais, se tivesse mais profissionais envolvidos para poderem estar atuando com esses alunos que nos trazem”. O professor “C” complementou esse posicionamento afirmando que o problema também acontece no Centro de Esporte e Lazer que ele atua:

“no caso do nosso centro aqui que é apenas dois professores, acaba sendo muito limitada a quantidade de alunos que a gente consegue atender, e as turmas tem que ser limitadas porque tamanho da quadra, tamanho do espaço então, esse é um lado negativo que eu vejo pela questão de ser limitado o atendimento das crianças, a gente não consegue atender mil crianças, a gente consegue atender entre 200 a 300, estourando 400”.

Todos trabalham com turmas cheias com 20 à 25 alunos por aula porém existem horários que poderiam haver mais aulas, e que seria possível abranger um número muito maior de crianças no projeto se houvesse um concurso para a maior contratação de professores, pois espaço para essas aulas serem lecionadas, existe. A professora “A” elencou dois pontos negativos, dentre eles a uma questão governamental, pois o projeto é uma política de governo, muda conforme muda o governante, podendo mudar então o nome e o objetivo, do projeto. Disse:

“Hoje a gente está muito ligado com a educação, com a secretaria da educação existe essa interconexão entre as duas secretarias, mas se mudar o governo isso pode mudar completamente, então acho que isso se perde, então acho que poderia mudar isso, porque a gente não pode ficar tão a mercê da política, política em si, que é essa política de candidato, e isso é uma coisa bem negativa, eu acredito”.

Outro ponto negativo é com relação ao questionamento sobre o que é esporte no projeto e como ele deve ser abordado durante as aulas. A professora A elencou os seguintes fatores:

“Se deixa muito aberto... eu trabalho bem com uma função educativa e social, eu tenho bem claro isso pra mim, mas tem um outro colega que trabalha em outra praça que tá trabalhando desempenho ou acha que tá trabalhando desempenho, é daí tem o outro que tá só rolando bola, por que acha que é só participação. Na Smelj, ele é um esporte

participação, ele é um esporte educacional ou ele é um esporte desempenho, ou se a gente vai ter esses três tipos precisa ficar mais claro, para os professores né?”.

Falou também da sua dificuldade quando ingressou na prefeitura, pois não sabia direito qual o trabalho deveria ser feito, pois via os professores trabalhando de maneiras diferentes, levou um tempo até ela construir uma identidade como professora do projeto, “ah eu sou uma professora que trabalha com a educação e com a vertente social”. Ainda de acordo com a professora, ninguém abre essa discussão, pois é possível ocorrer um conflito de interesses, onde alguns professores querem trabalhar muito desempenho e dentro da secretaria eles acabam abrindo a brecha para os professores trabalharem da forma que acharem melhor, e ela acredita que isso tem que ser discutido.

Ainda em relação aos pontos negativos do EE10, o professor “D”, elencou um ponto relacionado à logística com as competições que ocorrem entre as regionais, onde a locomoção dos alunos é feita com as Kombis. Ele diz que:

“Os núcleos não tem Kombi todo dia, a gente tem basicamente um dia sim, um dia não, então as vezes a gente tem que estar nesse processo de trocar a Kombi com outros centros, emprestar a Kombi lá do esporte, essa questão do transporte eu acho que poderia melhorar assim. Se de repente a secretaria tivesse, umas vans lá, ou um micro-ônibus que pudesse fixo assim, levar... Porque essa seria a cereja do bolo, porque a competição é muito legal, apesar de não ser uma competição propriamente dita assim, é mais pra interagir as crianças. Mas a questão do transporte eu vejo como um ponto negativo assim, as vezes a gente acaba se batendo bastante com essa questão logística, assim. Aí atrasa uma Kombi, deu problema com o motorista lá do Boqueirão que vinha jogar aqui, ai esse jogo atrasa, isso acontece”.

O professor relata que isso dificulta muito a realização desses jogos, que o sonho seria um micro-ônibus nas regionais para facilitar o transporte deles.

Após questionar os professores os pontos positivos e negativos do projeto, são importantes de analisar as possíveis modificações que eles sugeririam, pois são as pessoas que realmente vivenciam o projeto todos os dias. Nesse sentido, os professores e professoras conseguem ter uma melhor visão sobre as reais necessidades do projeto. Sobre esse aspecto, foi unânime a resposta referente à contratação de novos profissionais; além disso, a elaboração de um novo concurso para o ingresso de novos professores e então mais alunos poderiam ser atendidos com o projeto.

Um dos professores que é mais adepto da parte competitiva, foi bem específico em sua explicação sobre a organização das competições. De acordo com o professor “D”:

“mas eu acho que assim poderia estender um pouquinho mais eu acho que modificaria o formato desses jogos, eu acho que faixa etária tá legal, por exemplo: uma categoria sub17 que é nossa última categoria onde o jovem tá numa mudança muito grande do próprio corpo, das próprias ofertas do que aparece pra ele, nas amizades, ele tá praticamente entrando na fase adulta, e eu acho que ele tá mais vulnerável ali, socialmente. O que segura um menino de 16, 17 anos é jogar, eles gostam muito disso... eles se sentem profissionais ali saindo pra jogar com outros centros. Então assim se estender o calendário, então pra manter um menino treinando aqui, se a gente não inventar competições, chamar ali um projeto social ali da esquina e um colégio ali pra fazer um torneio entre três, um triangular, um quadrangular, não segura o menino. A competição é que mantém aluno no centro, mas isso é uma coisa que da pra melhorar, no sub17 eu acho que poderia melhorar fazendo o formato do sub 15 que foi esse ano, o sub 11 também... Todas as categorias é espaçar mais os jogos, o que acontece com o sub 13, sub 11. Mas acho que os torneios do EE10, não tentarem fechar tudo num mês, espalhar, tem um jogo esse mês, tem dois jogos mês que vem, tem mais um jogo no outro. Isso eu modificaria, mexeria no calendário dos jogos”.

O outro professor “C” disse, de maneira geral, sobre as competições, mas que seria algo que modificaria:

“A parte competitiva dele, futsal, de vôlei, que é o que a gente pratica aqui né, elas poderiam ser um pouquinho melhor organizadas sabe, então eu daria meu “pitaco”, eu mudaria na questão de competição, claro que tem uma questão de demanda, de conseguir atender tudo isso né, mais talvez a parte de competição, eu organizaria de uma maneira melhor”.

As colocações feitas pela professora “A” englobam algumas questões que não necessariamente conseguiriam ser solucionadas pela SMELJ, mas sim sobre tornar o EE10 um projeto fixo na prefeitura pra que possa melhorar com os anos sem interferência da mudança de governo. Explicou:

“Pode ser utópico, mas eu acho que um dia o esporte, assim como os pilares ‘educação, saúde e segurança’, eu acho que um dia, talvez demore, mas o esporte possa estar dentro desses pilares quando a gente fala de políticas públicas, então acho que ele precisa deixar de ser só uma política de governo e se tornar talvez uma política de estado. E daí não se altere mais tanto e a gente não fique a mercê de político. Então... até assim, ano que vem tem eleição, e muda muita coisa na prefeitura, vamos estar numa pressão muito forte aqui, então a gente sofre por conta disso, e o projeto sofre por causa disso e os

alunos perdem. E eu acho até por isso que, tão diferente de Colombo, tão diferente de Quatro Barras, São José, que a gente vê um esporte mais avançado até no nível de desempenho, de base, porque eles lá são muito mais independentes nesse sentido, e aqui a gente é muito dependente do aspecto político né. Esse é algo assim, muito particular, talvez eu possa tá falando um equívoco, mas pelo menos é o que eu vejo de fora, então eu acho que isso precisa mudar”.

Em relação ao objetivo e o formato que os professores devem trabalhar no projeto é algo que a professora discorreu muito, sobre como isso atrapalha o trabalho feito e que isso deveria ser mais bem delimitado e não deixado a critério dos profissionais. Segundo ela:

“Traçar um objetivo mais concreto do que, “o que é o esporte”, eu acredito que o esporte aqui, é um esporte para formação ele seria um pilar do contraturno escolar, a gente faz isso aqui na prefeitura, ok?! A gente não tem o esporte de desempenho, talvez a gente possa no futuro ter, mas hoje a gente trabalha muito bem o contraturno escolar e porque não assumir isso. Então acredito que precise de uma postura firme da nossa gestão e dos nossos gestores em assumir que esse é o nosso objetivo, e levar isso pros professores porque talvez isso acalme alguns ânimos, porque a gente, algumas vezes fica nessa briga, quando a gente tem as disputas internas. Que são: jogos, a gente tem os jogos ee10, então aquilo acaba às vezes se tornando conflitante, tem o professor achando que ele tem que super cobrar, inclusive do árbitro, quando eu tenho o olhar diferente, eu falo assim “mas calma, eles estão aprendendo ainda, é um processo...”. Então isso se torna conflituoso”.

As modificações descritas pelos entrevistados são cabíveis e poderiam ser analisadas pela Secretaria de Esporte e Lazer, para melhor execução do projeto. Na intenção de saber como os alunos se sentem, perguntamos aos professores se saberiam o que as crianças e jovens esperam do projeto. De acordo com a professora “B”: “Essa é uma pergunta mais difícil porque eu nunca perguntei pra eles o que eles esperam...”. Segundo os entrevistados, o objetivo dos alunos é se divertir, aprender os esportes e principalmente jogar. Mas na opinião dos professores eles esperam muitas coisas, além do lazer, até um sonho de se tornar um atleta, como menciona a professora “A”: “Eles esperam se tornar futuros atletas, todos eles (ainda mais com os pequenininhos), eles falam muito que querem ser jogadores de futebol, e jogadores de vôlei, eles relatam isso pra gente”. Porém isso tende a mudar dependendo da faixa etária de cada aluno, como completa:

“Dai quando eles são mais adolescentes, eles já vem assim, com uma prática mais pro lazer, porque eles têm uma demanda grande de estudo e eles querem vir aqui pra praticar e ser um espaço que eles se divirtam. E outros, pela amizade, eles vem porque aqui eles conseguem ter os amigos, tem os amigos da escola que vem e partilham desse momento junto com eles, então eu acho que é isso que eles esperam. Alguns esperam pela amizade, outros por ser um momento de lazer, e têm aqueles que querem um dia se tornar futuros atletas”.

De acordo com a professora “B” que não necessariamente os jovens do projeto esperam algo preciso, porém ela acredita que eles viram algo no futuro:

“Eu vejo que eles frequentam por frequentar, talvez eles vão colher isso lá na frente sabe, eu nunca parei pra pensar o que eles esperam, mas com certeza eles devem ser agradecidos por ter um espaço, pra fazer esporte”.

Completando a ideia de que muitas vezes o aluno não espera algo exato estando nas aulas do projeto, o professor “D” comenta:

“Eles não têm a ideia disso tudo que a gente tá falando entendeu, eles não vêm aqui pensando lá no futuro, a criança não pensa, a criança pensa no hoje e no amanhã. A criança em si espera se divertir, eles esperam competir com os outros centros, eles esperam andar de Kombi pra ir pra outros lugares, conhecer outros lugares, eles esperam de repente uma camiseta, um material diferente, é basicamente isso que eles esperam”.

4.3 Importância do projeto na sociedade

Buscamos investigar o quão os professores analisam a importância do projeto EE 10 e verificamos que esses visualizam o projeto de diferentes perspectivas. A professora A, por exemplo, comenta sobre a importância do projeto na vida da comunidade geral que habita próximo ao centro de esporte e lazer em que atua:

“É eu acredito que EE10 tem uma grande importância na vida da comunidade em geral, vejo que existem pelo menos, os gestores tentam buscar parcerias, não são de todo mal. Não estou falando de terceirizar de maneira nenhuma, mas buscar parcerias de empresas, e isso eles têm feito muito bem, então isso é bem interessante. Até estou usando uma camiseta aqui do EE10, que tá com a Itaipu na frente, que é do “Maestro da Bola”, isso você não veria no Pase antigamente entendeu? Que isso era só da prefeitura, unicamente. É acredito que isso é bem legal, “ah dá uma camisetinha, dá um kit pra criança, é importante”.

Quando ela diz sobre os materiais, a ideia é que quando a criança recebe uma camiseta, e usa essa no seu dia-a-dia, as pessoas no seu cotidiano percebem que ela está participando de algo que ocorre no seu próprio bairro, se sentindo assim incluído no espaço. A professora comenta ainda sobre a importância do “pertencimento” para os participantes do projeto:

“Porque faz com que a criança se sinta pertencente ao espaço, e isso tá sendo um diferencial nesse projeto EE10, tem aproximado mais a comunidade, eles tem se sentido mais pertencente ao espaço é... então assim esses investimentos a gente sente, a gente percebe”.

Nesse sentido, o EE10 promove um maior conhecimento da comunidade com relação ao projeto haja vista que essa passa a querer participar das atividades; logo, torna-se importante que o projeto seja perene, ou seja, permaneça independente do governante no poder.

Com relação aos materiais utilizados no projeto, a professora “A” comentou que:

“De material, eu recebi materiais de melhor qualidade, com o EE10 do que antigamente, então se fosse comparar um programa com o outro, acredito que o EE10 tem muito a agregar, e seria muito bom se ele continuasse, porque a gente precisa desse apoio, a gente precisa das parcerias, a gente precisa de um bom material, a gente precisa atingir a clientela, e a gente tem atingido, como antes a gente não atingia, porque não chamava a atenção da comunidade. Então acredito que o EE10, ele da maneira como ele está hoje, ele tem colaborado pra comunidade, ele tem trazido a comunidade pra perto, ele tem oportunizado que essas crianças têm esse espaço. “Ah ainda não é o ideal..” Não é. Então assim, a retirada dessas crianças dessa vulnerabilidade social, é algo de longo prazo? É, né eu acredito que, igual eu disse se o EE10 permanecer, e não mudar na próxima gestão, e assim for, futuramente, pode ser utópico isso, mas eu espero que sim, vamos dizer que o próximo prefeito assuma tudo isso porque tá dando certo, apesar de que lá na análise quantitativa, na estatística você vai perceber que não. O EE10 ainda não tá no nível que eles querem, mas eu olho aquilo e falo “mas gente, é criança e adolescente, entendeu?” É você tem que ter um atrativo, pra trazer essas crianças, mas acredito que a gente tem uma evolução, sobre isso sabe, ainda não é o ideal. Acho que em longo prazo, mas...se tivermos uma política que permita continuidade, se tivermos essa definição do que é o esporte, mais claro, para até os professores que estão trabalhando com essas crianças, acredito que a gente vai ter uma demanda maior”.

A professora “B” comenta mais sobre um viés social e de como o projeto pode interferir no futuro da criança, pois pode influenciar suas escolhas no futuro. Sobre manter essas crianças em um ambiente saudável também, no trecho:

“É maravilhoso você ver um aluno no contraturno fazer um esporte, esportes de elite que nunca eram ofertados antes, essa vivência de tá fazendo um esporte como a própria natação, que é a modalidade que eu trabalho. A igualdade de direitos, eu acho que essa é uma questão bem de igualdade de direitos, você tá oportunizando pras pessoas que jamais pensaram que poderiam estar fazendo um esporte como esse, e eu acho que lá na frente, eles podem tá colhendo várias oportunidades que hoje eles nem tem essa noção, eu tenho essa expectativa em relação a eles, eu acho que eles podem começar a pensar em saúde, quem aprendeu a nadar, vai nadar, quem gostou de fazer um basquete ou jogar vôlei, foi plantada uma ideia aí, profissionalmente, por que a gente se espelha em algumas pessoas, muitas ali podem ir pra uma área de atuação na área que estão. E outras coisas que abre frente, eles estão aqui num ambiente saudável, bem bacana, eles estão acolhidos aqui. Aqui existe o pedagógico, o ato de ensinar, mas aqui como eu comentei nas frases anteriores, de inserção social, eles estão num ambiente que a troca é boa, é produtiva, é um ambiente pedagógico”.

Também comenta como o projeto é importante para trocas boas com os jovens e crianças que participam do projeto, e o sonho de estar fornecendo aulas de um esporte de elite para crianças que nunca teriam acesso, conta:

“Eles convivem com os outros aqui dentro, eles tem o linguajar próprio da idade, as trocas, mas é um ambiente saudável, eles estão aqui vendo só coisa boa, não tem nada.. eles não vão ver nada que eles poderiam tá vendo na rua. Aqui eles estão acolhidos e protegidos, eu acho maravilhoso. Eu brincava assim que, eu queria ver um dia.. eu sempre gostei de ensinar natação, e eu falava assim que eu queria ensinar natação dentro da prefeitura, mas não existe piscina em escola pública né, só no estadual do Paraná, e hoje você vê alunos da prefeitura vindo fazer um esporte no contra turno, é maravilhoso né... porque isso é igualdade de direitos né, a aula que eu dou aqui eu dava em uma academia particular, mas é isso”.

O professor “C” leciona suas aulas em uma quadra ao lado de uma praça, num bairro carente, onde se concentram alguns pontos de tráfico, fala sobre a importância do projeto naquela região:

“A importância no cunho social ela é extremamente fundamental, por que ela vem a oferecer pra uma criança que de repente tá passando aqui na frente aqui da rua, ela vê uma situação aqui do lado mesmo, na praça aqui do lado, um molequinho tá ali de repente fazendo uma coisa errada, almejando uma coisa errada, tá usando uma coisa errada né, e aqui dentro desse ginásio a gente consegue mudar essa realidade. Consegue proporcionar uma situação diferente pra essa criança, até mesmo pela gratuidade né, a gente consegue dar outra oportunidade, consegue tirar o foco dela que de repente é algo errado e trazer aqui pra dentro que é o esporte que é o lado bom, que vai

conseguir lutar ou até mesmo suprir uma necessidade da criança afetiva, emocional, ou.. é enfim até material”.

Quando foi perguntado ao professor “D” sobre a importância do projeto, ele trouxe outra perspectiva em relação ao esporte, a da aderência da prática de exercícios físicos na vida adulta, como se o projeto tivesse a missão de plantar a semente da atividade física nessas crianças, e expõe:

“Eu acho de fundamental importância assim pro esporte na cidade, ele fomenta o esporte, a atividade física, pra criança, é... eu acho que é uma coisa muito maior do que a gente consegue enxergar, esse o resumo assim, eu acho que é uma coisa muito maior do que a gente consegue enxergar, o aluno que pratica uma atividade com a gente, as vezes ele fica dos 9, dos 7, até os 17 ficam com a gente, então é uma fase da vida que a gente se torna muito presente na vida deles, assim... se não é aquele professor, troca o professor a coisa acontece assim. E é uma fase bem interessante pra incentivar a prática do esporte na fase adulta depois, a saúde, é utilizar o esporte como uma válvula de escape depois na fase adulta, todo mundo vai passar por momentos estressantes, vem ai vestibular, depois vem ai trabalho, ai vem ai família, e se o aluno tem essa âncora, lá na sua raiz, lá na sua infância de que ele se sentia bem com aquilo, eu acho que isso é fundamental pra uma coisa que é moda hoje que é a tal da depressão. Então se ele tem essa coisa, ele consegue resgatar na vida adulta, o prazer que ele tinha praticando, jogando, eu acho que é uma coisa que se torna mais fácil depois na vida adulta de ele resolver alguns problemas, que vão aparecer, não é fácil pra ninguém. Então acho que o esporte é uma coisa muito legal pra gente plantar essas sementinhas nessas idades do EE10, pra que depois ele possa colher na fase adulta”.

4.4 Relação entre o projeto e a vulnerabilidade social

Quando tratamos de um projeto de políticas públicas ligamos diretamente a gratuidade, mas não necessariamente com a pessoas em situação de vulnerabilidade social, portanto foi importante saber dos professores se há alguma relação entre os alunos que frequentam o projeto e se estão nessa situação. Eles tiveram uma abordagem semelhante do assunto, a professora “A” acredita sim, segundo ela:

“Eu acredito que sim, até porque o projeto vem com esse intuito né, de ser uma parceria com a educação em contraturno escolar, tanto que esse nosso centro da juventude aqui, ele foi construído nesse espaço específico porque houve todo um estudo de clientela que precisava mais, que demandava mais, então eu acredito que sim que a gente tem inclusive uma dessas funções, estar trabalhando com essas crianças e adolescentes que estão em vulnerabilidade, até porque aqui essa praça, que é chamada ‘Praça dos Eucaliptos’ eles tem muito

envolvimento com drogas, então aqui acaba sendo um espaço pra que eles não fiquem tão propício a isso, a esse envolvimento”.

A professora “B” concorda que há sim uma relação porém não se trata somente disso pela localização dos centros, fala:

“Eu acho que os centro especificamente estão próximos inclusive a locais que precisam bem dessa ação né, pode ver, eu não tenho conhecimento de todos mas onde eu estive, Alto Boqueirão, aqui como você mesma sabe, Tatuquara, Cic, então propositalmente esses centros estão próximos exatamente, não que outros locais não precisem, né tem centro perto lá da praça lá do shopping Curitiba que também, seria descartado? Lá também atende a população de Curitiba, mas eu acho que especificamente onde eu passei, eu vi que puxa, ensinar natação bem pra esse público alvo é maravilhoso”.

Também relata a possibilidade que o esporte e o projeto possam num futuro contribuir para a saída dessas crianças da atual situação, comenta:

“Eu trabalho com natação né, mas eu vi muito trabalho sendo feito por profissionais colegas meu em quadra, e a gente vê o retorno depois que eles voltam pra contar a história deles, eu vi depoimento de professores que é bacana você ver esse retorno, com o esporte né, um dos meios de se mudar essa vulnerabilidade social”.

O professor “C” relata que vê isso nos dia-a-dia, pois trabalha em um bairro de área periférica da cidade de Curitiba logo, acaba ficando explícita essa situação:

“Sim aqui é uma região bem carente, então a gente atende crianças que realmente não tem uma condição financeira boa, claro que a gente não fica sabendo afundo a realidade de cada um. Mas às vezes você vê que o menino não tem um tênis, não tem um short pra vestir, a gente mais ou menos conhece as regiões aqui que é um pouquinho mais difíceis, então por esses fatores a gente acaba tendo uma noção que é uma situação de mais vulnerabilidade”.

A fala do professor “D” na questão da vulnerabilidade não foi exatamente compreendida, porém ele comenta sobre a importância do jovem estar no projeto aproveitando uma oportunidade e não na rua, e as outras situações que são trabalhadas intrinsecamente nas aulas, diz:

“Quando a criança tá aqui no contraturno escolar, ela acaba se fortalecendo com relação a, ficar mais na rua, a ter más companhias, não que o projeto isente isso, ou faça blindagem total, mas é uma ação bem importante pra ajudar as crianças a se espelhar mais no professor, a ver um outro lado fora a escola, a ver um lado do esporte, das competições, eu acredito que o EE10 traz a questão da

competição entre os núcleos, entre os centros, isso é uma coisa que motiva muito a criança. E aí a gente vai trabalhar várias questões aí dentro dessa motivação, tem a autoestima, competir com outros núcleos eu acho bem interessante e faz com que a criança fique e mantenha o jovem, a criança, o adolescente aqui com a gente né, então isso é uma coisa bem bacana, e faz eles ficarem voltados a uma coisa legal que é o esporte”.

4.5 Influência do esporte na vida da criança e do jovem

No que se refere à forma que o esporte pode interferir na vida da criança e do jovem, mais precisamente dos alunos que eles atendem através do EE10, a professora “A” nos trouxe três aspectos: social, emocional e motor”. Segundo ela:

“No aspecto social eu acredito que as crianças têm oportunidade de estar compartilhando com outras crianças. Eles veem porque eles também querem fazer amizades ou mesmo tem amigos que vem e participam junto, então eles aprendem a dividir, a colaborar, a respeitar, respeitar os limites do colega, a respeitar os seus próprios limites. No aspecto motor, eles têm a possibilidade de aprendizagem de várias modalidades e de técnica esportiva, assim como de estar criando ou novas possibilidades motoras. E no aspecto emocional, eu acho que o que mais a gente trabalha aqui, é que eles compreendam que existem limitações, eles vão ter limitações, dificuldades na hora de realizar uma atividade, ou facilidade. Assim como do colega, então muitas vezes eu consigo fazer, mas o colega não consegue, então eu tenho que ter a compreensão disso, a compreensão de que se esse meu colega precisa de ajuda, eu também posso estar ali pra colaborar. Então acredito que auxilia nesses aspectos”.

A professora “B” fala sobre a própria vivência com o esporte e a oportunidade de trabalhar com ele por toda a vida, bem como a influência que a natação teve sobre as suas escolhas profissionais.

“Eu falo como uma ex-estudante de escola pública, que tive a oportunidade receber uma bolsa de natação, então na época não existia uma proposta assim, foi num clube privado que eu tive o início com o esporte, eu vejo que eles podem pôr em tudo, eles podem colher uma profissão dentro da área esportiva? Podem. Eles podem tá só praticando um esporte? Também podem como participação, mais eu acho que pode mudar muito a história deles, né eu acho que o esporte é um mecanismo de troca, ele pode se sentir parte do local onde ele mora, eu mesma quando falo da minha história, eu frequentei um clube de elite né, mas hoje o nome desse local é clube da gente, então eles estão dentro de um lugar construído pra eles estarem frequentando, é diferente né? Eles são parte desse local, bem diferente”.

O professor “C” respondeu essa pergunta com um panorama sobre o esporte como um divisor de águas na vida das pessoas, e a forma que pode transformar toda a história de uma pessoa, relata:

“Até escrevi isso diversas vezes, o esporte é o agente transformador realmente, ele é o divisor de águas ali, daquela criança, daquele jovem, adolescente que vai, com essas oportunidades que ele tem, escolher um caminho bom, um caminho de coisas boas, de situações boas, de mudar a realidade da vida dela, até como ela não seguir esse caminho e acabar se perdendo por outras questões que vai chamar mais a atenção dele. Então o esporte, eu vejo o esporte como realmente aquela luz no fim do túnel, sabe... Aquele que pode dar uma condição. Não que a criança vai ser um atleta, que ela vai ser um desportista, não é nada disso, mas o que o esporte proporciona em questão de disciplina, em questão de regras, em questão de oportunidades, em questão de saber perder, saber ganhar, tudo isso que o esporte proporciona, traz pra criança, pro adolescente, pro jovem, uma maturidade que ele pode levar pra vida dele toda, independente da profissão que ele tiver, como professor, como sei lá.. um bancário, enfim, qualquer outra situação que ele vai viver na realidade dele, aquele momento em que ele participou do esporte, serviu pra vida dele”.

De maneira semelhante, o professor “D” fala sobre a formação de conduta de uma pessoa, por meio do esporte na infância, e valores que são conquistados de forma intrínseca com o esporte e também criando oportunidades, explica:

“Bom, eu acho que interfere diretamente, nessa questão da autoestima da criança, aquilo que eu tava falando, da autoestima da criança, na questão da disciplina, dele ter que vir aqui, que a gente não... que ele não pode faltar duas vezes sem justificar no mês, senão perde a vaga. Então a questão da disciplina, de ele ter essa regularidade vindo, eu acho que é bem interessante, assim.. Além do que, aqui além do futsal, dos esportes, do vôlei ..a gente trabalha também outras questões, a questão da conduta o eu acho principal assim, isso eu acho.. a gente bate muito na tecla com ele, a questão de no final dos jogos, cumprimentar o adversário, respeitar, fez a falta dar a mão pro adversário levantar, pedir desculpa, então a gente acaba trabalhando valores. Porque o objetivo do projeto não é formação de atleta, não é, não é mesmo. Acaba aparecendo nesse meio do caminho, acaba aparecendo alguns talentos, que a gente acaba ajudando a encaminhar, pra clube, mas não é o objetivo, o objetivo é eles estarem aqui no contra turno escolar, praticando uma coisa saudável, fazendo algo bom pra vida deles, aprendendo questões da vida e também...”.

5 DISCUSSÃO

Quando analisadas as respostas dos professores, podemos verificar que a fala de uma das professoras com relação ao objetivo e foco do projeto concorda com o estudo de Vialich (2012) que faz considerações sobre os programas sociais que tem como foco o esporte ou que dele utilizam dentre as atividades que desenvolvem no contexto escolar. A referida autora aponta que é essencial evidenciar se a proposta para o desenvolvimento do esporte apresenta diferenças em relação às ações práticas para o esporte no seio da prática pedagógica. É possível associar esse estudo também com a fala da professora “A” que revela que precisa haver definição de qual dimensão esportiva o projeto estará desempenhando ao longo das aulas: educacional, participação ou desempenho. Ainda nesse sentido, Vialich (2012) complementa que precisam ser sanadas as possíveis incoerências entre a política de elaboração dos projetos sociais e esportivos e as ações práticas do docente.

Em relação à importância do projeto, todos os professores concordam que este é muito benéfico para a vida das pessoas que dele participam concordando com (Grando e Madri, 2017) que revelam que o esporte e seu desenvolvimento por meio de programas e projetos sociais vinculados à escola contribui na efetivação de ações que visam atender às necessidades e interesses da população e que estes programas foram criados com o intuito de fomentar as práticas esportivas.

Um dos professores menciona a questão do pertencimento do aluno ao local onde frequenta as aulas tendo em vista que, praticar um esporte que na vida cotidiana eles não teriam acesso, é uma forma de inclui-los na sociedade. Nesse sentido, é possível refletir sobre a importância de programas esportivos públicos e privados que utilizam o esporte como ferramenta para uma proposta de inclusão social. É crucial pensarmos se esses programas sociais esportivos estão realmente envolvidos no processo de inclusão social de crianças e adolescentes, como a grande maioria evidencia em seus objetivos (BORGES, 2009).

Quando tratamos do cunho social desses jovens, conforme dito por um dos entrevistados, é reconhecido que eles socializam e criam laços dentro do espaço, frequentando com amigos da escola ou fazendo amigos no local, propiciando assim ‘trocas’ positivas nesse ambiente. Raposo (2005) e Aquino (2016) concordam com os apontamentos dos entrevistados pois afirmam que é possível constatar a

transferência de valores culturais através do desporto, sendo os agentes socializadores os principais responsáveis pela qualidade desse ambiente.

O aspecto social é mencionado pelos professores em termos de valores como colaborar, dividir e respeitar. Os praticantes dos projetos esportivos sociais têm sua inserção cercada de valores e significados, conforme visto em outras pesquisas (GONÇALVES, 2003; MENDES et al., 2007; MOLINA, 2007)

Rodrigues, Dario e Paes (2013) mencionam que no caso do professor de educação física atuante em projetos esportivos de inclusão social baseados nos princípios de formação para cidadania, parece fundamental buscar uma complementaridade entre o referencial técnico tático e o referencial socioeducativo. Essa perspectiva se assemelha ao que os professores “A” e “D” disseram sobre os aspectos sociais educativos e formação de conduta que intrinsecamente ocorrem em suas aulas.

Corroborando com os estudos de (VIANNA E LOVISOLO 2011; BEZERRA, DOMINGUES, RIBEIRO 2012) que identificaram que o estímulo à competição esportiva preenche a necessidade de manter a visibilidade do projeto, bem como a entrada de novos alunos e a permanência dos já matriculados, foi mencionado por um dos professores a emergência de se manter por mais tempo as competições para o vínculo desses jovens com o projeto.

Tendo em vista a vulnerabilidade social e o projeto aplicado em bairros de periferia, alguns autores revelam que a prática esportiva tem sido implementada nestas regiões de baixa renda (GONÇALVES, 2003; THOMASSIM, 2010; MELO 2005) indo ao encontro dos relatos dos professores de que existe a percepção de que há no esporte uma capacidade de gerar, naqueles que se dedicam, a capacidade de comportamentos diferenciados, obtendo em longo prazo elementos que se façam úteis durante toda uma vida.

Quando perguntado aos professores a relação com a vulnerabilidade social todos concordaram que há sim uma associação; por se tratar de aulas gratuitas, a professora “B” até acredita que é possível mudar essa situação através do esporte. Nesse sentido, (GOMES E CONSTANTINO, 2005) destacam que os projetos esportivos de inclusão social estão, frequentemente, voltados para a intervenção em consonância com demandas específicas do grupo atendido, tais como: a reversão do quadro de pobreza, violência e criminalidade, aumento das oportunidades sociais

por meio da inclusão social e desenvolvimento da cidadania, entre outras necessidades e expectativas dos grupos sociais.

No contexto das políticas públicas para a juventude, foi encontrado o uso do esporte como uma das principais estratégias de intervenção. Principalmente pelo uso de argumentos educativos, acredita-se que as atividades podem minimizar os efeitos negativos das crianças estarem nas ruas (VIANA; LOVISOLO, 2009), e realmente ocorre isso em vários Centros de esporte e lazer conforme dito pelo professor "C", onde as crianças participando do projeto evitam ficar na praça ao lado do ginásio onde ocorre consumo e venda de drogas. As crianças escolhem as aulas esportivas e não ficam com seu tempo ocioso na rua. (MELO, 2005) revela, como mencionado anteriormente, que o esporte é visto como um antídoto para a ocupação do tempo livre, onde indica certa linearidade entre a falta de lazer e o mundo do crime, também concordando com a situação que ocorre em alguns pontos que ocorrem o projeto.

6 CONCLUSÃO

O objetivo principal deste foi verificar de que maneira o projeto “EE10” auxilia na inclusão social de adolescentes em situação de vulnerabilidade social na cidade de Curitiba/PR. Os resultados da pesquisa demonstram que além de cumprir com o objetivo principal do projeto, este também promove oportunidades de praticar diversas modalidades de esportes, desde o mais popular como o futebol, ou que dificilmente crianças e jovens que residem e estudam em locais de periferia na cidade de Curitiba teriam acesso pela questão financeira, como a natação.

Foi possível comprovar que, por ser gratuito e aberto para todas as crianças da escola pública, o projeto EE10 consegue promover a associação entre a vulnerabilidade social e a inclusão. Além disso, evidencia-se que, a partir do momento que um aluno da escola pública pode se matricular num projeto esportivo gratuito, ele está garantindo o seu direito pelo estatuto da criança e do adolescente de ter acesso ao esporte.

Identificamos através da percepção dos professores a importância do projeto para a sociedade, em especial, para os participantes, pois eles mencionam em diversos trechos das entrevistas a forma como o projeto vem trazendo a opção esportiva para esses jovens, e como isso abre um leque de opções de futuro na vida deles, mostrando a eles que a vida pode ser muito além do que eles normalmente almejam nesses bairros.

No que se refere aos pontos positivos e negativos, os professores deixaram bem colocadas suas opiniões. O ponto convergente nas respostas se refere à necessidade de maior contratação de professores, haja vista a demanda das regionais sobre esses aspectos e a possibilidade de oportunizar um número maior de atendimentos caso essa demanda seja suprida.

É possível considerar que existe a relação existente entre inclusão social e esporte, pois o aluno que tem sua inserção ao esporte, além de participar das aulas, compete fora, conhecendo outras escolas, alunos e convivendo ao meio do esporte, trazendo além desse sentimento de pertencimento ao espaço onde ocorrem as aulas, ele está incluso ao esporte com chances até mesmo de crescimento profissional.

No que se refere às limitações do estudo, podemos destacar a amostra sendo baixa em relação à quantidade de professores que atuam no projeto, não

possibilitando conseguir obter opiniões diversificadas sobre o assunto proposto. Limita-se também por se embasar somente na cidade de Curitiba/PR.

Nesse sentido, estudos posteriores podem abordar de uma forma ampliada em relação ao projeto EE10, essa análise pode também ser ampliada a outros projetos, ou outras localidades, como por exemplo, com professores que lecionam aulas em centro não periféricos. A análise de comportamentos de alunos na vida adulta, que participaram de projetos de políticas públicas também pode ser elaborada.

REFERÊNCIAS

ASSEBURG, H. B.; GAIGER, L. I. **A economia solidária diante das desigualdades. Dados – Revista de Ciências Sociais.** Rio de Janeiro, v. 50, n. 03, p. 499-533, 2007.

AQUINO, G. **O esporte como elemento socializador e formador de crianças e jovens.** faminas, v. 6, n. 2, 2016.

BEHRING, E. R.; BOSCHETTI, I. **Política social: fundamentos e história.** São Paulo: Cortez, 2008.

BEZERRA, Antonio; DOMINGUES, Tainá; RIBEIRO, Carlos Henrique de V. **Esporte e inclusão social: estudo de caso de uma equipe de alto nível de futsal.** Salusvita, Bauru, v. 31, n. 1, p. 7-18, 2012.

BORGES, É. V. **Projetos esportivos públicos e privados no processo de inclusão social de crianças e adolescentes: um perfil da 26ª secretaria de desenvolvimento regional (SDR).** 2009. 133f. Dissertação - Universidade do Contestado, Canoinhas, 2009.

BRASIL. **A Constituição da República Federativa do Brasil** de 1988.

CORREIA, M. M.; **Projetos sociais em educação física, esporte e lazer: reflexões preliminares para uma gestão social.** Instituto Superior de Educação do Estado do Rio de Janeiro (Iserj)

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente. Versão Impressa.

GOMES, M.C; CONSTANTINO, M. T. **Projetos esportivos de inclusão social-PIS-crianças e jovens.** In: COSTA, L. P. (Org.) Atlas do esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 602-611.

GONÇALVES, M. A. **A vila olímpica da Verde-e-Rosa.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

GRANDO D., MADRID S. C. de O.. **Programa segundo tempo, programa mais educação e o incentivo ao esporte: um legado para as políticas públicas de esporte e lazer.** Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), 2017

HELAL, R. **O que é sociologia do esporte.** São Paulo: Brasiliense, 1990.

MELO, M. Paula de. **Esporte e juventude pobre: políticas públicas de lazer na Vila Olímpica Maré.** Campinas: Autores Associados, 2005.

MENDES, V. DA R. et al. **Como os pais percebem a participação dos filhos no Programa Segundo Tempo.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XV, Pernambuco. Anais. Recife: CBCE, 2007.

MOLINA, R. K. **Políticas de esporte e projetos sociais: impactos nos processos de subjetivação dos jovens.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15, 2007, Pernambuco. Anais... Recife, CBCE, 2007.

NOGUEIRA, MS. Q. W. C.; **Esporte, desigualdade, juventude e participação.** Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia e Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (Sergipe – Brasil) março de 2011

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico** Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo - ASPEUR Universidade Feevale -Rio Grande do Sul; 2013.

PROJETO EE10; Site prefeitura de Curitiba. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/escola-esporte-10/157> Acesso: 25 de agosto de 2019.

RODRIGUES, H. de A.; DARIDO, S. C.; PAES, R. R., **O esporte coletivo no contexto dos projetos esportivos de inclusão social: contribuições a partir do referencial sócio educativo.** Pensar a Prática, Goiânia, v.16,n.2,p.320-618,abr./jun.2013

TAFFAREL, C. Z., **Programas sociais de esporte e lazer na escola e na comunidade: as evidências de exclusão social e educacional na sociedade brasileira** –Motrivivência Ano XXIV, Nº 38, P. 135-148 Jun./2012

THOMASSIM, L. E. C. **Os sentidos da exclusão social na bibliografia da Educação Física brasileira**. Movimento, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 151-177, jan./abr. 2007.

TUBINO, M. J. G. **O esporte educacional como uma dimensão social do fenômeno esportivo no Brasil**. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE ESPORTE EDUCACIONAL. Memórias: Conferência Brasileira de Esporte Educacional. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1996. p. 9-16.

RAPOSO, J. et. al. **Caracterização dos níveis de negativismo, ativação, autoconfiança e orientações motivacionais de alpinistas**. Motricidade, v. 5, n. 2, p. 63-86, jun, 2009.

SANCHES, S. M.; RUBIO, K. **A prática esportiva como ferramenta educacional: trabalhando valores e a resiliência**. Universidade de São Paulo.

VIALICH, A. L. **O Programa Mais Educação em São José dos Pinhais: Possibilidades para o Esporte?** 2012. 149f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

VIANNA, J. A.; LOVISOLO, H. R. **A inclusão social através do esporte: a percepção dos educadores**. Rev. bras. educ. fís. Esporte, São Paulo v. 25, n. 2, p. 285-296, Jun/ 2011 .

WEINBERG, Robert S.; GOULD, Daniel. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Desde quando você está trabalhando no projeto?
- 2) Quais as modalidades ofertadas pelo projeto?
- 3) Qual a idade dos alunos que frequentam suas aulas?
- 4) Existe alguma relação entre o projeto e a questão da vulnerabilidade social?
- 5) De que forma você acredita que o esporte pode interferir na vida da criança ou jovem que participa do projeto?
- 6) Na sua opinião, o que os alunos esperam do projeto EE10?
- 7) Quais os pontos positivos e negativos do projeto?
- 8) Se você pudesse modificar algo no projeto EE10, o que seria?
- 9) De maneira geral, como você analisa a importância do projeto EE10?